

**EM BUSCA DO SENTIDO: UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE
PROCESSAMENTO TEXTUAL EM “O MILAGRE DAS FOLHAS”, DE CLARICE
LISPECTOR**

IN SEARCH OF MEANING: AN ANALYSIS OF THE PROCESSING OF TEXTUAL
STRATEGIES IN "THE MIRACLE OF LEAVES" BY CLARICE LISPECTOR

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira¹

Thiago Alves Valente²

Resumo

Objetiva-se neste texto elucidar as estratégias de processamento textual que conferem sentido à crônica “O milagre das folhas”, de Clarice Lispector (1920-1977). Para tanto, parte-se do postulado básico de que o sentido não está na tessitura verbal ou imagética, mas nas significações construídas a partir dos elementos da linguagem que ali estão ao se encontrarem com o leitor (BRONCKART, 2009, p. 257). Justifica-se essa estratégia de análise, uma vez que a crônica de Lispector revela-se dotada de uma linguagem plurissignificativa e dialógica. O processamento textual será abordado no âmbito da enunciação e em função de um público potencialmente juvenil, elemento que atribui características relevantes para a compreensão sobre o funcionamento desse tipo de texto em relação a leitores mais jovens. Para a consecução do objetivo, parte-se do pressuposto de que a crônica, por ser um texto literário dotado de validade estética, não apenas veicula um conteúdo, mas recria-o, agregando-lhe novos sentidos.

Palavras-chave: Processamento textual. Leitura. Crônica. Sentido.

Abstract

This text aims to elucidate the textual processing strategies that give meaning to chronicle "The miracle of the leaves", of Clarice Lispector (1920-1977). Therefore, it starts from the basic postulate that the meaning is not in the fabric or verbal imagery, but the meanings constructed from the elements of language that are there to meet with the reader (BRONCKART, 2009, p. 257). Justified this reading strategy, since the chronic Lispector reveals multiple meanings endowed with a language and dialogue. The text processing is discussed in terms of an audience potentially youthful element that assigns characteristics relevant to the understanding of the functioning of this type of text in relation to younger readers. To achieve the goal, we start from the assumption that chronic, being a literary text endowed with aesthetic validity, not only conveys a content, but recreates it, adding to it new meanings.

Keywords: Text processing. Reading. Chronicle. Sense.

¹ Graduação em Letras pela Unesp/Assis (1998), Mestrado, com linha de pesquisa em Literatura e Ensino, e Doutorado, com linha de pesquisa em Literatura e Vida Social, ambos na área de Literatura de Língua Portuguesa, pela Unesp/Assis. E-mail: eagrif@femanet.com.br

² Graduação em Letras pela Unesp/Assis (2001), Mestrado, com linha de pesquisa em Literatura e Ensino, e Doutorado, com linha de pesquisa em Literatura e Vida Social, ambos na área de Literatura de Língua Portuguesa, pela Unesp/Assis. Professor da UENP-Cornélio Procópio. E-mail: kantav2005@gmail.com

Introdução

Mas já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas.
(Clarice Lispector, *A legião estrangeira*, 1964).

A partir da análise da crônica “O milagre das folhas”, de Clarice Lispector (1920-1977), busca-se neste texto elucidar como se efetivam em sua tessitura textual as estratégias de processamento responsáveis pelo sentido. Para tanto, em consonância com Bronckart (2009, p.257), parte-se do postulado básico de que o sentido não está na tessitura verbal ou imagética, mas nas significações construídas a partir dos elementos da linguagem que ali estão ao se encontrarem com o leitor. Justifica-se essa estratégia de análise, uma vez que a crônica de Lispector revela-se dotada de uma linguagem plurissignificativa e dialógica.

A partir dos postulados de Bakhtin (2002, p.17), concebe-se, neste artigo, um texto com caráter dialógico quando este se constrói como o todo da interação entre várias consciências, ou seja, quando há na representação da língua o plurilinguismo, o discurso não homogêneo. Este discurso deixa transparecer na obra o confronto de visões de mundo ou ideologias, mesmo quando este confronto, como ocorre no texto de Clarice Lispector, efetiva-se no interior de uma única personagem-narradora, revelando o inacabamento de sua personalidade e a relativização de seu discurso, que apresenta mudança de perspectiva e incertezas acerca do que relata.

Vale destacar que, para a abordagem do processamento textual, se considerou o âmbito da enunciação em função de um público potencialmente juvenil. Esse público foi considerado, pois a crônica de Lispector insere-se em uma coletânea, *As cem melhores crônicas brasileiras* (2007), organizada por Joaquim Ferreira dos Santos, originalmente destinada ao jovem leitor.

Para a consecução do objetivo, parte-se do pressuposto de que a crônica, por ser um texto literário dotado de validade estética, não apenas veicula um conteúdo, mas recria-o, agregando-lhe novos sentidos.

O texto de Clarice Lispector, “O milagre das folhas”, classifica-se, quanto ao gênero literário, como crônica. Este gênero, muito cultivado na literatura nacional, exige do leitor mais atento amplitude na tentativa de defini-la. Geralmente, associada à ideia de texto leve e breve, a crônica, para Massaud Moisés (2005, p. 108), “[...] é por natureza uma estrutura limitada, não apenas exteriormente, mas, e acima de tudo, interiormente”.

Recorrendo à comparação, pode-se afirmar que o conto, por exemplo, constitui-se por meio de uma construção mais cuidadosa e atenta das personagens, do tempo, do espaço, acrescentando densidade ao enredo. O cronista, porém, age de uma forma mais solta, despreziosa. Para Jorge Sá (2002), o cronista pretende apenas ficar na superfície de seus próprios comentários, sem ter a preocupação de se colocar na pele de um narrador que é, principalmente, personagem ficcional, como acontece no conto e no romance, ou seja, a crônica aproxima-se do bate-papo, como se o autor/narrador estivesse espontaneamente apresentando uma história, um comentário, uma “prosa”. Pode-se notar que esta forma dialógica, instaurada como conversa informal com o leitor, prevalece no texto de Lispector, a seguir transcrito (SANTOS, 2007, p. 186-87):

O Milagre das Folhas

Não, nunca me acontecem milagres. Ouço falar, e às vezes isso me basta como esperança. Mas também me revolta: por que não a mim? Por que só de ouvir falar? Pois já cheguei a ouvir conversas assim, sobre milagres: “Avisou-me que, ao ser dita determinada palavra, um objeto de estimação se quebraria.” Meus objetos se quebram banalmente e pelas mãos das empregadas. Até que fui obrigada a chegar à conclusão de que sou daqueles que rolam pedras durante séculos, e não daqueles para os quais os seixos já vêm prontos, polidos e brancos. Bem que tenho visões fugitivas antes de adormecer – seria milagre? Mas já me foi tranquilamente explicado que isso até nome tem: cidetismo, capacidade de projetar no campo alucinatório as imagens inconscientes.

Milagre, não. Mas as coincidências. Vivo de coincidências, vivo de linhas que incidem uma na outra e se cruzam e no cruzamento formam um leve e instantâneo ponto, tão leve e instantâneo que mais é feito de pudor e segredo: mal eu falasse nele, já estaria falando em nada.

Mas tenho um milagre, sim. O milagre das folhas. Estou andando pela rua e do vento me cai uma folha exatamente nos cabelos. A incidência da linha de milhares de folhas transformadas em uma única, e de milhões de pessoas a incidência de reduzi-las a mim. Isso me acontece tantas vezes que passei a me considerar modestamente a escolhida das folhas. Com gestos furtivos tiro a folha dos cabelos e guardo-a na bolsa, como o mais diminuto diamante. Até que um dia, abrindo a bolsa, encontro entre os objetos a folha seca, engelhada, morta. Jogo-a fora: não me interessa fetiche morto como lembrança. E também porque sei que novas folhas coincidirão comigo.

Um dia uma folha me bateu nos cílios. Achei *Deus* de uma grande delicadeza.

Após a leitura, percebe-se que o texto, como toda produção lispectoriana, embora se apresente sob a forma de uma conversa informal com seu leitor implícito, possui um trabalho estético que lhe confere relevo significativo, problematizando o que nega a princípio: a existência de milagres. Justamente por isso, assume viés contrário à categorização de Jorge de Sá (2002), mencionada anteriormente, quando este afirma que o cronista deseja manter-se na superfície de seus próprios comentários.

“O milagre das folhas”, por sua vez, aprofunda os comentários da protagonista, atribuindo para tanto o discurso em primeira pessoa à sua enunciação: “Não, nunca me acontecem milagres. Ouço falar, e às vezes isso me basta como esperança. Mas também me revolta: por que não a mim?” Podemos notar, pela indagação da personagem, que esta se caracteriza pela complexidade, pois se revela insegura, marcada pelo inconformismo e pela incompletude. Essas características provocam-lhe o desejo de saber e conhecer, mesmo que, para isso, precise rever hipóteses. Desse modo, a protagonista convoca o leitor, por meio da projeção, a refletir sobre a realidade que o cerca.

De acordo com Candido (1992, p. 22), a crônica estética, “[...] participa de uma língua geral lírica, irônica, casual, ora precisa e ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo”. Justamente, é este tipo de monólogo que prevalece no texto de Lispector, pois se dirige ao leitor. Além disso, a crônica, embora se estruture pela brevidade, característica própria do gênero, não se deixa facilmente classificar, pois aproxima-se da poesia, pelo lirismo; do conto e do romance, pela complexidade da protagonista; da biografia, pelo discurso em primeira pessoa. Principalmente, instaura na enunciação a subjetividade, em um processo por meio do qual se privilegia a literariedade do texto.

1 A crônica e a formação do leitor

Por suas nuances mais prementes, a crônica é um dos gêneros mais indicados para a sala de aula, sobretudo, no ensino de literatura voltado para jovem. Geralmente, sua temática, filiada ao cotidiano, às angústias do ser humano, à realidade social e às agruras do convívio, provocam identificação nesse leitor.

Para Moisés (2005, p. 117), o cronista não se perde em devaneios, pois se utiliza do monodialogo, “simultaneamente monólogo e diálogo”, organizando a crônica como uma peça teatral em um ato ligeiro, tendo como protagonista sempre o mesmo figurante, mesmo quando outras personagens intervêm.

No plano da tessitura textual, pode-se perceber que a crônica, como texto literário, potencializa significações a partir de procedimentos enunciativos que requerem do leitor a mobilização de conhecimentos anteriores, isto é, o texto mobiliza o leitor para o emprego de outras vozes socialmente construídas que, no caso da crônica de Lispector, imbricam-se na constituição do literário.

Em “O milagre das folhas”, nota-se que o monodialogo, apontado por Moisés (2005), é intensificado de forma que, entre o negar e o reconhecer do milagre, ocupa-se todo o texto. Essa estratégia de Lispector instaura o silêncio em seu texto. Conforme Rossoni (1999), o “silêncio” da palavra nos textos da escritora, concebidos como instrumentos estéticos impregnados de conhecimento, aparece na própria organização interna que os estrutura. O silêncio confere, por sua vez, uma significação mais ampla que proporciona prazer ao leitor e isso acontece, “[...] porque a palavra, unidade primeira e fundamental de todo texto, além de evidenciar sua faceta exterior, o atributo da significação – que potencializa sua capacidade de construir/“des-construir” – ainda estampa interiormente seu poder de silêncio” (1999, p. 87-88). A reflexão metalinguística sobre o valor que se atribui socialmente a certas “palavras” avulta na crônica, por meio da ironia: “Pois já cheguei a ouvir conversas assim, sobre milagres: ‘Avisou-me que, ao ser dita determinada palavra, um objeto de estimação se quebraria.’ Meus objetos se quebram banalmente e pelas mãos das empregadas.”

A linguagem da escritora, segundo Bailey (2012), tem sido objeto de estudo acadêmico e da crítica literária desde os primeiros textos vindos a público:

Vê-se assim que a importância da linguagem na obra de Lispector vai constituir um dos principais veios da fortuna crítica da autora. Entretanto, a questão da linguagem está indissolúvelmente ligada à dimensão filosóficoexistencialista da obra, principalmente no que diz respeito à relação entre linguagem e a condição humana. Olga de Sá, em *A escritura de Clarice Lispector* (1979), caracteriza a obra lispectoriana “como uma escritura metafóricometafísica, dilacerada pelo dilema entre existir e escrever” (18). Entretanto, já em 1943, a propósito de *Perto do coração selvagem*, Antonio Candido apontava a preocupação epistemológica aí presente e que continuaria aparente nos livros subsequentes. Candido afirma que Lispector procura “fazer da ficção uma forma de conhecimento do mundo e das ideias” (“No raiar”, 126). Desse modo, a sondagem psicológica do sujeito, assim como a percepção de si e da realidade, ocorrem mediante a problematização da linguagem, entendida esta sempre como insuficiente e imperfeita. (2012, p. 12).

Como a narradora, o leitor é convocado a refletir acerca de “milagres”, assim classificados pelo discurso social, que não são reconhecíveis na realidade contemporânea: “Pois já cheguei a ouvir conversas assim, sobre milagres: ‘Avisou-me que, ao ser dita determinada palavra, um objeto de estimação se quebraria’”. Desse modo, o jovem leitor sente-se como parte do próprio *modus operandi* da criação, preenchendo lacunas, por meio de sua atividade imaginativa, estabelecendo relações entre os elementos narrados, enfim interagindo de forma criativa com o texto. Essa forma “criativa” de interagir se faz possível pelo trabalho de construção textual realizado nos níveis locucional e ilocucional, entre outros elementos, responsáveis por estabelecer as possibilidades de leitura.

2 O leitor e o processamento textual

Para que ocorra o processamento textual, nas atividades de leitura e produção de sentido, os leitores “[...] realizam simultaneamente vários passos interpretativos finalisticamente orientados, efetivos, eficientes, flexíveis e extremamente rápidos” (KOCH; ELIAS, 2007, p. 39). Segundo Koch (2009), há três grandes sistemas de conhecimento que permitem o processamento textual: linguístico, enciclopédico e interacional.

O conhecimento linguístico, responsável pelo processamento do texto, ativa, por sua vez, o conhecimento prévio, responsável por acionar a memória do leitor – seu repositório de conhecimento –, a partir da qual ele realiza as inferências na leitura. O conhecimento enciclopédico ou de mundo determina sua expectativa sobre a ordem natural das coisas e seu engajamento facilita a compreensão. Dentro desse conhecimento, há o “esquema” que produz grande economia na comunicação, sendo responsável pelo que fica implícito. Justamente, as qualidades literárias do texto de Lispector avultam ao romper com “esquemas” do leitor habituado, muitas vezes, ao texto massivo que não dissimula seu discurso, nem sugere mensagens em suas entrelinhas, menos ainda convoca à revisão de hipóteses iniciais de leitura, favorecendo a ampliação do horizonte de expectativas. A crônica da escritora, pelo contrário, requer o emprego não só da memória do leitor, como também de sua capacidade de desconfiar do que se afirma no texto, relativizar o discurso da narradora e compreendê-lo fora do esquema habitual do narrador tradicional que tudo sabe, vê e entende.

A leitura dessa crônica exige um complexo exercício cognitivo em que, a cada nova informação, o leitor precisa reformular conceitos e retomar suas hipóteses. O conhecimento interacional, por sua vez, efetiva-se no texto dialógico que prevê um leitor inteligente, capaz de preencher lacunas e realizar deduções. Ora, o texto de Lispector, por se apresentar sob a forma de um jogo, projeta um leitor implícito que não teme desafios, nem medirá esforços para preencher os vazios. O texto possui, então, uma estrutura de apelo que invoca a participação desse leitor na feitura e acabamento. Seu processo comunicativo ocorre quando esse leitor, na busca do sentido, procura resgatar a coerência do texto interrompida pelos vazios. Esse resgate permite-lhe interagir com o texto, pois solicita sua produtividade advinda da utilização de sua capacidade imaginativa. Para Iser (1999, p.107), só por meio desse resgate, a leitura torna-se prazerosa.

Pelo exposto, os três sistemas – linguístico, enciclopédico e interacional – têm de ser acessados para que a leitura de “O milagre das folhas” se concretize. Porém, entre os elementos possíveis de análise, considerando a interação com o jovem leitor, observa-se que,

quanto ao último sistema, o texto de Lispector mobiliza intensamente aspectos ilocucionais, comunicacionais, metacomunicacionais e superestruturais. A autora conceitua (KOCH, 2009, p. 32-33):

É o conhecimento ilocucional que permite reconhecer os objetivos ou propósitos que um falante, em dada situação de interação, pretende atingir. [...].

O conhecimento comunicacional é aquele que diz respeito, por exemplo, a normas comunicativas gerais [...]: à seleção da variante linguística adequada a cada situação de interação e à adequação dos tipos de texto às situações comunicativas. É o que Van Dijk (1994) chama de *modelos cognitivos de contexto*.

O conhecimento metacomunicativo permite ao produtor do texto evitar perturbações previsíveis na comunicação ou sanar (*on-line ou a posteriori*) conflitos efetivamente ocorridos por meio da introdução no texto, de sinais de articulação ou apoios textuais, e pela realização de atividades específicas de formulação ou construção textual. [...].

O conhecimento superestrutural, isto é, sobre estruturas ou modelos textuais globais, permite reconhecer textos como exemplares de determinado gênero ou tipo; [...].

O título da crônica estabelece o aspecto polissêmico do texto: o milagre é algo próprio das folhas. Trata-se de um milagre que se efetiva por meio das folhas, é um milagre lembrado pelo adjunto adnominal “das folhas”, como geralmente costumam se identificar, na cultura popular brasileira, os milagres de modo geral (“das águas”, “do ribeirão”, “da pesca”). O termo qualificativo e restritivo – “das folhas” – também não esclarece de que “folha” se trata – papel ou vegetal. Ao adentrar o texto, as folhas sequer aparecem, mas uma dupla negativa possivelmente muito conhecida por parte dos jovens leitores escolares como elemento comunicacional cotidiano: “Não, nunca me acontecem milagres”. O uso hábil da vírgula permite que o leitor compreenda, inicialmente, que a voz narrativa negou de modo veemente o acontecimento extraordinário ou inexplicável em sua vida.

Em tom de comentário, a narradora faz valer a voz como meio de comunicação comum, divulgador de milagres e, por isso, próprio para expor, explicar, contar. Também, como meio de banalização do que seria o fato especial, incrível:

Ouçó falar, e às vezes isso me basta como esperança. Mas também me revolta: por que não a mim? Por que só de ouvir falar? Pois já cheguei a ouvir conversas assim, sobre milagres: “Avisou-me que, ao ser dita determinada palavra, um objeto de estimação se quebraria.”

Nota-se que o leitor, por meio do jogo literário, é lançado pela autora, via ilocução, nos entrecos da significação. Considerando o leitor como aquele que “sabe” do que ela está falando, cria-se o espaço do silêncio, do não-dito, como se o texto falasse na surdina: “Você

sabe do que estou falando, daquele sentimento...”. Sentimento, reflexão, pensamento, sugeridos por termos que, em nível da sintaxe, não dizem, apenas sugerem.

A aceitação por meio do ato ilocucional permite à autora inserir uma observação lapidar, logo após uma constatação banal – o fato de seus objetos quebrarem nas mãos das empregadas. O uso dos dêiticos “daqueles” imprime o caráter de generalização, comentário, conclusão trivial de que há mais pessoas que também fazem isto – “[...] rolam pedras durante séculos”. A expressão remete o leitor ao mito de Sísifo (PIRES, 2012), eternamente rolando sua pedra como castigo de Zeus. Há, então, por meio do diálogo informal, uma referência intertextual que pode tornar o texto mais interessante e saboroso para o jovem leitor que conhece mitologia, pois substitui o relacionamento autor-texto pelo leitor e texto, situando o *locus* do sentido textual dentro da história do próprio discurso (BARTHES, 1977; RIFFATERRE, 1984, apud HUTCHEON, 1991, p. 166). A mediação deste texto em sala de aula permite o reconhecimento de um texto dentro de outro. Este adentrar dos discursos, por sua vez, conota o próprio ocultar-se da afirmação do milagre, somente revelado ao término da leitura.

Desse modo, é perceptível que o texto contraria seu aspecto descompromissado e quase coloquial, trazendo à tona, pela dialogia com uma narrativa mítica, uma metáfora via comparação entre o “eu” e os “outros”. Além disso, o texto aproxima, de forma paradoxal, discursos excludentes: narrativa mítica e narrativa acerca de tema cristão – “milagres”. O que instaura uma ressignificação do termo e uma ampliação: os milagres são para todos, cristãos ou não.

A narradora é, pois, daquelas que não recebem o milagre pronto, acabado, bastando gozá-lo pelo beneplácito da vida, do divino. O vazio instaurado no início da crônica que se apresenta, aparentemente, sem assunto, com seu discurso preso ao fático e metalinguístico, é o espaço perigoso, onde repentinamente o leitor inexperiente vê-se no olho do furacão. A metáfora nada despropositada diz sem dizer, justamente por meio das lacunas nas quais as inferências ocorrem. A narradora é um Sísifo moderno, sempre a empurrar a vida e vê-la rolar abaixo, sem a considerar um milagre. Para ela, as coisas acontecem no embate com o divino, no imenso esforço de fazer um trabalho sempre fadado ao fracasso, afinal, tal como o mito, empurrar a pedra ou a vida ou qualquer elemento que o leitor a isso relacione sua interpretação sempre será um trabalho em vão. Onde estaria o milagre?

Ainda utilizando a linguagem mais próxima do leitor comum, a narradora/autora afirma: “Bem que tenho visões fugitivas antes de adormecer – seria milagre?”. A resposta fatalmente corta a chance de se vislumbrar, nisso, algo menos comum e previsível: “Mas já

me foi tranquilamente explicado que isso até nome tem: cidetismo, capacidade de projetar no campo alucinatório as imagens inconscientes”. De modo enciclopédico, a narradora define o que se passa com ela: é o esvaziamento da esperança de se ter um milagre, porque em um mundo civilizado e controlado tudo pode ser objetivamente explicado. O conhecimento enciclopédico novamente pressupõe um leitor contemporâneo, leitor desse tipo de texto, acostumado a explicações desse gênero textual. Cria-se, pois, um espaço mental comum ou coletivo, no qual se projetam os conhecimentos de mundo do narrador e do leitor, ainda que gerenciado por aquele (BRONCKART, 2009, p. 322-324). É neste ponto da crônica que o leitor, acreditando estar diante da mais ampla aceitação do não-milagre, novamente é surpreendido pelo texto.

Uma vez desocupado o espaço do conceito e da razão colocados no âmbito do trivial, o texto sutilmente introduz o milagre, subvertendo o termo. O que as pessoas acham que seja milagre, a narradora afirma ser “coincidência”: “Vivo de coincidências, vivo de linhas que incidem uma na outra e se cruzam e no cruzamento formam um leve e instantâneo ponto, tão leve e instantâneo que mais é feito de pudor e segredo: mal eu falasse nele, já estaria falando em nada”. Para definir este ponto de coincidências, é preciso usar a palavra em percurso de metalinguagem que, quanto mais explica, menos elucida. Verbalizar o “indizível” é transformá-lo em palavras que não dizem. No limite do dizer/não-dizer, o silêncio, a lacuna, o vazio preenchem o significado. A percepção do mundo ao redor e dentro de si mostra a outra face do milagre, que não é feito de coisas surpreendentes e grandes como as pedras e as montanhas, mas de pontos delicadamente interligados, reveladores da existência e da verdade.

Nota-se que, para a autora-narradora, o divino está no fato, desse modo, ambos não são excludentes. Da mesma forma não o são a fé e o conhecimento empírico. Em síntese, seu texto trata da epistemologia da fé que se efetiva no cotidiano observável, por meio do milagre, para os sujeitos que sabem reconhecê-lo.

A verdade revelada, como descreve Rossoni (2001), perturba os sentidos ordinários – principalmente visão e tato –, conduzindo os personagens, no caso, a narradora, a uma alteração psíquica. Na crônica, narra-se o efeito dessa alteração, embora ela não ocorra como ação narrativa na brevidade do relato. A epifania pelo tato, pela voz, pela visão, constitui o nó do entrecruzamento. A dupla negação inicial abre o espaço para a afirmação final: “Mas tenho um milagre sim. O milagre das folhas”. Um milagre que ocorre em um tempo qualquer, em uma rua qualquer e possível a qualquer pessoa. Ao contrário dos outros para os quais os milagres já vêm prontos, para ela, a ocorrência possível é o milagre: “Estou andando pela rua e do vento me cai uma folha exatamente nos cabelos. A incidência da linha de milhares de

folhas transformadas em uma única, e de milhões de pessoas a incidência de reduzi-las a mim”. Percebe-se, assim, que o aspecto literário da epifania, um dos elementos caracterizadores da narrativa de *Lispector*, constrói-se, neste texto, sobre a ilocução. No jogo entre aquilo que o leitor sabe, ou “deve” saber, e o que o texto afirma ou parece “afirmar”, as significações são construídas e reconstruídas pelas lacunas e partículas habilmente colocadas para captar a atenção do leitor implícito que, em última instância, corresponde ao leitor empírico do texto.

Quanto ao plano geral da obra, sua infraestrutura, o paradoxo apresenta-se também na fusão de discursos, no caso do científico com o discurso coloquial de base empírica. No plano da argumentação, embora a narradora trate de fatos do cotidiano, ela se utiliza de argumentos baseados no consenso e aparente raciocínio lógico. Em sua análise acerca de possibilidades, utiliza-se de métodos indutivos e dedutivos para justificar, por eliminatória, o milagre de ser, entre tantos outros sujeitos, a “eleita” das folhas. A lógica do raciocínio ou reflexão do narrador apoia-se em coordenadas formas que definem o mundo objetivo e que “apresentam os elementos de seu conteúdo do ponto de vista de suas condições de verdade, como fatos atestados (ou certos), possíveis, prováveis, eventuais, necessários etc.” (BRONCKART, 2009, p.330).

Assim, é a repetição que se configura como a possibilidade concretizada e reiterada, e não o inusitado, que concretiza seu milagre: “Isso me acontece tantas vezes que passei a me considerar modestamente a escolhida das folhas”. O momento epifânico em que é tocada pela folha realiza-se pelo corpo e alma integrados, sem limites. Com as mãos retira a folha e guarda-a, objeto de sua transcendência. O lirismo predominante, a esta altura, coloca em xeque o conhecimento superestrutural de um leitor desavisado ou menos experiente. Não se trata, como ele poderia imaginar, de um texto leve e desprezioso, mas de uma leveza que conduz à intensidade da constatação do eu-narrador e de uma despreensão que induz o encontro com a complexidade do mundo exterior: “Com gestos furtivos tiro a folha dos cabelos e guardo-a na bolsa, como o mais diminuto diamante. Até que um dia, abrindo a bolsa, encontro entre os objetos a folha seca, engelhada, morta. Jogo-a fora: não me interessa fetiche morto como lembrança”. O milagre da reiteração ocorrerá novamente: “E também porque sei que novas folhas coincidirão comigo”.

Encerrando a crônica, o passado da memória ou subjetividade exprime-se por “um dia”. A subversão do verbo que pode significar para o leitor que tem de aceitar o silêncio, a lacuna ou o vazio como parte do sentido, traz o milagre para o qual não é preciso ter esperança, dado sua possibilidade recorrente de se concretizar. E isto é exatamente o milagre,

não o sobrenatural, mas o natural, possível e previsível: “Um dia uma folha me bateu nos cílios. Achei *Deus* de uma grande delicadeza”.

Em síntese, a textualização ganha densidade com o apelo a modalizações enunciativas que estabelecem aproximação com o leitor. Este, diante dos indícios textuais sobre o tema, os valores e as opiniões a respeito de “milagres”, precisa mobilizar seu conhecimento prévio para entender o convite da crônica e perceber que a circularidade do texto reside no par antitético negação x afirmação. Desse modo, a afirmação de que “Deus” possui delicadeza, anula a negação inicial de que milagres não acontecem. O fecho do texto solicita do jovem leitor o retorno à leitura, contudo de forma ressignificada, crítica, pois não mais confia nas afirmações da narradora. Essa releitura, por sua vez, convoca-o à reflexão acerca de sua própria realidade em que também acontecem “inúmeras coincidências”, “milagres”, “delicadezas”. Mas essas correlações somente são possíveis pelo que não se diz ou escreve e é na negação que se constituem os sentidos mais densos do texto.

Conclusão

Conforme as classificações propostas por Candido, pode-se notar que o texto de Clarice rompe com as linhas de força apresentadas pelo autor quanto à composição, enquadrando-se em praticamente todas. Dessa forma, aproxima-se: do diálogo, tratando de um tema sério sob a forma de uma conversa informal que, contudo, solicita do leitor uma reflexão sobre a realidade imediata; da poesia, pois há o predomínio do lirismo, da construção poética, na qual o “eu”, com suas impressões e experiências subjetivas, assume o plano central do texto; da biografia, pois de forma lírica, o texto relata uma experiência de vida ao redor da qual se constrói todo o enredo.

Pode-se destacar, ainda, que a crônica de Lispector, no trabalho em sala de aula, permite ao mediador revelar ao jovem leitor um narrador que não se posiciona como autoritário e profundo conhecedor dos fatos e eventos que relata, antes dissimula seu discurso porque, justamente, busca compreender a realidade que o cerca. Para o jovem, este narrador, inseguro daquilo que narra, torna-se atraente, pois se apresenta como mais humano e próximo de seu universo, de sua realidade.

A delicadeza da produção de Clarice Lispector avulta justamente, conforme João Alexandre Barbosa (apud AZEVEDO, 2002, p. 17), na leitura do intervalo, em que entre o enunciado e a enunciação opera-se a aglutinação dos significados pela intensidade dos

significantes textuais, fazendo desaparecer, nos limites, a prevalência absoluta dos significados, sem que se esvaia a sua existência concreta.

Referências

AZEVEDO, Silvia. Clarice Lispector ou a literatura como conhecimento. In: ROSSONI, Igor. **Zen e a poética auto-reflexiva de Clarice Lispector**: uma leitura de vida e como vida. São Paulo: UNESP, 2002. p. 11-17.

BAILEY, Cristina Ferreira-Pinto. Clarice Lispector e a crítica. In: Pinto, Cristina Ferreira ; Zilberman, Regina, Pittsburgh, Regina ; Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, org. **Clarice Lispector**: novos aportes críticos. p. 7-23. Disponível em: <<http://www.pitt.edu/~hispan/iili/IntroLispector.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2012.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos** : Por um interacionismo sociodiscursivo. 2. ed. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2009.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: _____ et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Ed. Do Autor, 1964.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: prosa – II. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

PIRES, Mirian da Silva. A pertinência de Sísifo: e tudo começa de novo Disponível em: <<http://www.omarrare.uerj.br/numero10/pdfs/mirian.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2012.

PORTO, Lílian V.; FERRO, Letícia C. A escrita de si ou uma análise metaficcional de A hora da estrela. In: **Letrônica**. v. 2, n. 01, p. 330-340. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/5083/4050>>. Acesso em: 30 mar. 2012.

ROSSONI, Igor. A eloquência do silêncio literário em Clarice Lispector e Sunyata. In: **Instrumento crítico** – revista de estudos da linguagem, Vilhena, n. 2, p. 87-102, nov., 1999.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

SANTIAGO, Silvano. Bestiário. In: **Cadernos de Literatura Brasileira**. Disponível em: <<http://ims.uol.com.br/hs/clb/clbclarice/clbclarice.html>> Acesso em: 30 mar. 2012.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos (org.). **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro : Objetiva, 2007.